



## **Banda desenhada e ensino/aprendizagem da leitura**

**Cristina Sá**  
**CIDTFF-Universidade de Aveiro**  
**cristina@ua.pt**

No dia 18 de Novembro de 2009, decorreu, no Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa, um seminário subordinado ao tema Banda desenhada e ensino/aprendizagem da leitura, organizado por Cristina Manuela Sá, com o apoio do Professor Rui Neves, coordenador da unidade curricular de Projectos de Intervenção Educacional, inserida no 3º Ano do plano de estudos da Licenciatura em Educação Básica da Universidade de Aveiro.

Para a dinamização do referido seminário, destinado aos alunos que frequentam esta unidade curricular, a responsável convidou João Mascarenhas e Diogo Carvalho, dois autores de banda desenhada, também envolvidos em actividades de formação nesta área. É de salientar o facto de alguns professores do Ensino Básico e do Ensino Secundário, a frequentar cursos de pós-graduação na nossa universidade, terem querido assistir a este seminário. Posteriormente e aproveitando a sua passagem pela Universidade de Aveiro, a redacção da *Indagatio Didáctica* solicitou aos dois autores/formadores que respondessem a algumas perguntas para uma entrevista a incluir na secção *Outros Olhares*. De seguida, apresentamos as respostas dos nossos convidados.

### ***ID – Se tivessem de apresentar a banda desenhada a alguém que não a conhecesse minimamente, o que diriam?***

JM – A Banda Desenhada é literatura gráfica sequencial, em que as histórias são apresentadas em vinhetas que podem conter comentários (em “legendas”) e falas (em “balões”), podendo formar cada página uma “prancha” ou, eventualmente, apenas uma “tira”.

DC – Diria que a Banda Desenhada, assim como todos os meios de contar uma boa história, tem oferta para todos os gostos. Embora seja normalmente associada aos super-heróis, graças a figuras da nossa cultura geral como Super-Homem, Batman, Homem-Aranha, etc., todos válidos no seu campo, a BD é uma justaposição de imagens para passar informação e produzir uma resposta no leitor com um leque de possibilidades demasiado vasto para a limitação dos gostos individuais. Se falássemos de cinema ou de literatura, encontraríamos opiniões diferentes sobre este autor, aquele actor, aquela história. Se pensássemos em oferecer um DVD ou um livro, teríamos de conhecer minimamente os gostos da pessoa visada. O mesmo se passa, quando falamos de BD com alguém que não conhece ou, simplesmente, não quer conhecer, argumentando com estereótipos. A melhor resposta será presentear essa pessoa com um livro correspondente ao seu gosto, a requerer um mínimo esforço de apreciação por parte da mesma, é claro.

***ID – Como caracterizariam o vosso trabalho em banda desenhada?***

JM – Posso dividir o meu trabalho em Banda Desenhada em dois mundos: um em que utilizo a Banda Desenhada para divulgação científica, e outro de cariz mais pessoal. O primeiro tem sido publicado em revistas científicas ou de divulgação científica e o segundo tem abordado histórias de carácter mais “humanista” e/ou ecologista, como é o caso da série com a personagem “O Menino Triste”. No concernente ao estilo de desenho, sou um pouco “camaleão”, ou seja, adapto o traço ao tipo de história em questão, indo do mais caricatural ao hiper-realista.

DC – Incompleto.

***ID – Que dados vos parecem relevantes para os leitores ficarem a conhecer o vosso percurso no mundo da banda desenhada ?***

JM – Já faço Banda Desenhada há muito tempo, mas só comecei a dedicar mais tempo a esta actividade após a conclusão do meu Doutoramento (em 1997). Assim, antes apenas fiz histórias curtas para gozo pessoal e algumas de divulgação científica. Após aquela data, então comecei a desenvolver histórias mais longas.

Algumas delas foram publicadas, em fanzines e, mais recentemente, em álbum, como foi o caso d' "A Essência".

DC – Terão de ter muita paciência, pois, infelizmente, não é fácil seguir o meu percurso entre fanzines, livros e participações em revistas e jornais. Nem para mim o é! Penso que, neste momento, a Internet veio ajudar a dar um passo muito grande neste campo, alargando as possibilidades, mas, mesmo assim, é sempre necessário "escavar" bastante. Só não me imagino nos anos oitenta e início de noventas, em que, para encontrar alguém algo obscuro, era necessário deslocarmo-nos fisicamente a lojas da especialidade e ter sorte para encontrar fanzines e muitos autores.

***ID – Que indicações dariam a alguém que pretendesse aprender a fazer banda desenhada?***

JM – Primeiro que tudo que lesem bastante Banda Desenhada. De vários estilos: ocidental, oriental, europeia, americana, alternativa, "main stream", fanzines, álbuns... para que se possam situar em termos estéticos e tipo de narrativa. Depois de realizada essa escolha, então que desenhem muito, pois só com muita "oficina" é que se consegue evoluir e fazer trabalhos de qualidade.

DC – As que dou aos meus alunos todos os anos. Ter em mente o que vão fazer, planificar e pensar a história sempre como se fossem o leitor. Tudo o resto se aprende e treina.

***ID – E a quem quisesse conhecer o mundo da banda desenhada em Portugal?***

JM – O mundo da Banda Desenhada em Portugal é tão diminuto (infelizmente) que uma breve pesquisa permite ficar logo com alguma ideia. Contudo, isto não é impeditivo de que existam autores e trabalhos (portugueses) de muita qualidade. Só é pena não existir um público mais vasto e entusiasta, que permita a esse

“pequeno mundo” ansiar por uma muito maior dimensão, que com certeza levaria a que outros autores e outras obras pudessem ser conhecidos por mais pessoas.

DC – Que procurem identificar o estilo de que gostam e depois sigam os autores nos seus percursos. Felizmente, em qualquer livraria ou lojas especializadas, como é a Secção9 aqui em Aveiro, é possível encontrar bons exemplos de BD portuguesa. Em Portugal, é muito fácil o acesso aos autores: basta ir a eventos como o Festival de BD de Beja, o Festival Internacional de Banda Desenhada de Amadora, o Festival de Viseu, etc. E é nesses eventos que se conhecem outros autores, quer através das exposições ou dos convívios, quer pelo contacto pessoal.

***ID – Na vossa opinião, que interesse poderão ter os professores de vários níveis de ensino em conhecer esta forma de comunicação e expressão?***

JM – A Banda Desenhada é uma ferramenta muito poderosa, quando se trata de passar rapidamente uma determinada ideia ou comunicação. Uma única página de Banda Desenhada pode, muitas vezes, realizar mais facilmente esse feito do que três ou quatro páginas de texto.

DC – Primeiro, temos de ser bastante claros. Não basta que o professor debite matéria e o aluno consuma essa informação. A BD obedece a regras, assim como toda a literatura não gráfica. Mas, tratada da mesma forma que um texto literário e considerada em função do seu objectivo, ela é um meio de comunicação bastante poderoso, não só na educação, mas na sociedade em geral.

Vários exemplos disso são os panfletos de formação cívica e esclarecimento público, servindo finalidades tais como a prevenção rodoviária, o que fazer num acidente de avião, etc. Ao juntar dois meios, o visual e o literário, o leitor torna-se mais receptivo e isso é algo que todos os professores agradecem.

***ID – E os professores de Português em particular?***

JM – Neste caso, penso que a Banda Desenhada pode contribuir muito favoravelmente para que os alunos adquiram bons hábitos de leitura e torná-los mais tarde grandes leitores, não apenas de Banda Desenhada, mas também de outro tipo de literatura.

DC – O Português está muito bem representado na linguagem específica da BD. O professor pode ensinar vários elementos que são comuns à literatura gráfica e não gráfica, como a orientação de leitura ocidental, a construção de personagens e de diálogos, a estruturação de histórias coerentes, o recurso às onomatopeias, o uso de analepses. Além disso, as duas têm em comum a possibilidade de ser o leitor a decidir a velocidade em que quer viver a aventura. Pode parar quando quiser, demorar o tempo que decidir, voltar atrás, tudo coisas que as novas tecnologias procuram possibilitar cada vez mais. Penso que a junção das duas é uma mais valia.

***ID – E nós agradecemos a ambos mais esta colaboração e esperamos que o seminário em que participaram e esta entrevista possam trazer mais leitores à banda desenhada, chamando a atenção de futuros profissionais da Educação para a sua existência, interesse comunicativo e artístico, que lhe confere um valor social apreciável.***

